

Sobre a Distinção entre *Tatsache* e *Sachverhalt* no *Tractatus Logico-philosophicus* de Ludwig Wittgenstein

Edgard D. da Rocha Marques

Na sua carta a Russel, de 18 de agosto de 1919, Wittgenstein propõe-se a responder algumas dúvidas deste acerca de alguns dos conceitos centrais do *Tractatus*. Respondendo uma questão relativa à distinção entre *Tatsache* e *Sachverhalt* Wittgenstein diz que « *Sachverhalt* é o que corresponde a uma proposição elementar, se esta é verdadeira. *Tatsache* é o que corresponde ao produto lógico de proposições elementares quando este produto é verdadeiro ». Assim, a relação estabelecida entre os dois conceitos diria respeito à *complexidade*, sendo utilizada para podermos distinguir alguma coisa considerada elementar de outra considerada mais complexa. Russel, a partir das orientações dadas por Wittgenstein na citada carta, escreve na sua introdução à tradução inglesa de 1922 de C. K. Ogden do *Tractatus* que « fatos os quais não são compostos de outros fatos são o que o senhor Wittgenstein chama *Sachverhalte*, enquanto que um fato o qual pode consistir de dois ou mais fatos é chamado *Tatsache* ».

Entretanto, apesar da declaração expressa de Wittgenstein acerca do sentido preciso destes conceitos e da corroboração de Russel, criou-se uma polêmica em torno do significado de tais termos e do papel por eles desempenhado na economia do pensamento tractatiano. A tradução inglesa realizada por C. K. Ogden, em 1922, e revisada pelo próprio Wittgenstein, optou pelos termos *fact* e *atomical fact* para traduzir *Tatsache* e *Sachverhalt*, respectivamente, tornando claro, assim, que o critério utilizado para a contraposição entre os dois termos era o da complexidade. Stenius colocou-se contra esta tradução, ressaltando que a sua briga era não por palavras, mas sim que ele discordava da compreensão do sentido da contraposição *Tatsache-Sachverhalt* que tal tradução veiculava. Para Stenius, o essencial nesta contraposição reside na distinção entre o possível (*Sachverhalt*) e o real ou atual (*Tatsache*) — « Um *Sachverhalt* é

alguma coisa que poderia *possivelmente* ser o caso, um *Tatsache* alguma coisa que é *realmente* o caso » (Stenius, 1964, 31) — sendo a questão da complexidade deslocada para o binômio *Sachverhalt-Sachlage*.

No entanto, embora tendo colocado como fundamental na sua discordância o problema do sentido subjacente a esta contraposição, Stenius não reflete o suficiente acerca daquilo que está em jogo nesta aparente disputa terminológica, restringindo o escopo da sua discussão meramente a uma redefinição destes conceitos. Ora, para propor uma interpretação diferenciada daquela textualmente expressa pelo autor, é necessário que se aponte algum problema incontornável que surja no interior deste sistema quando tal compreensão é efetivamente utilizada. Desta forma parece-me compreensível que, diante de tão poucas razões considere-se, como Anscombe, inaceitável a idéia de que haja aqui algum equívoco a ser corrigido.

O objetivo do presente texto é, exatamente, o de refletir acerca das posições defendidas por Stenius, tentando fornecer *argumentos* sólidos a partir dos quais estas posições possam ser justificadas. Tentaremos, portanto, mostrar que a distinção *Tatsache-Sachverhalt* não pode ser compreendida em termos de uma relação de complexidade, sob pena de inviabilização do projeto do *Tractatus*; somente sendo possível que se a compreenda como articulada a partir de uma diferença entre o possível e o atual.

II

A primeira dificuldade para a compreensão do sentido da distinção *Tatsache-Sachverhalt*, radica-se na sua inserção na chamada « parte ontológica do *Tractatus* », isto é, na parte da obra em que Wittgenstein aparentemente dedica-se à descrição da constituição ontológica última do real. Obviamente há um embaraço inicial na compatibilização desta ontologia com o propósito crítico da obra expresso no seu prefácio. Entretanto, desembaraçamo-nos deste problema ao refletirmos um pouco acerca do significado deste « espírito crítico ». Constitui-se o *Tractatus* numa investigação acerca das condições de possibilidades do discurso assertivo, objetivando-se com isto a demarcação dos limites expressivos da linguagem, sendo a sua « parte ontológica » não uma descrição efetiva do mundo, mas sim um levantamento das condições que este mundo deve satisfazer para que a linguagem seja possível. Desta forma, a delimitação da linguagem dá-se através de uma investigação transcendental das condições que a linguagem deve satisfazer para poder expressar algo, incluindo-se nestas condições determinadas condições semânticas, as quais acabam por colocar certas necessidades da linguagem que o mundo deve cumprir para que esta possa se dar. Assim, ao invés de constituir-se numa autêntica investigação do mundo, a « parte ontológica do *Tractatus* » vem a ser uma exposição da maneira como o mundo deve estar estruturado para que

a linguagem possa descrevê-lo. Esta « teoria do mundo » é, portanto, caudatária de uma « teoria da linguagem », da qual ela constitui-se tão somente numa contrapartida ontológica. É isto que Wittgenstein parece ter em mente quando diz que « dar a essência da proposição quer dizer dar a essência de todas as descrições e, por conseguinte, a essência do mundo » (proposição 5.4711) ou que « as proposições lógicas descrevem os andaimes do mundo, ou melhor, os representam. Não “tratam” de nada. Pressupõem que os nomes possuam denotação e as proposições elementares, sentido. E tal é sua vinculação com o mundo » (proposição 6.124). Desta maneira, parece válido que tomemos como fio condutor para a compreensão dos « conceitos ontológicos » a *semântica formal* expressa na obra, sendo as « proposições ontológicas » enunciados que traduzem as condições *lógico-transcendentais* de significatividade. Assim, compreender qualquer um dos conceitos ontológicos tractatianos significa compreender o papel que ele desempenha na explicitação das condições de significatividade do discurso assertivo. Nem mais, nem menos.

A investigação das condições semântico-sintáticas que possibilitam que a linguagem seja significativa se dá no *Tractatus* através de uma análise da forma das proposições. Trata-se, então, de se explicitar a estrutura destas visando compreender o seu « poder significativo ». Obviamente o primeiro passo a ser dado consiste na caracterização do que se entende pelo conceito de sentido. Para Wittgenstein « a proposição *mostra* o seu sentido. A proposição *mostra*, se for verdadeira, como algo está. E *diz que* isto está assim » (proposição 4.022). Desta maneira, o sentido de uma proposição vem a ser um « algo » que ela apresenta ou mostra, sendo este « algo » subsistente se ela for verdadeira. A *compreensão* de uma proposição está, portanto, intrinsecamente ligada à compreensão do que aconteceria no mundo caso fosse verdadeira essa proposição. Ou, nas palavras mais precisas de Wittgenstein, « compreender uma proposição é saber o que é o caso, se ela for verdadeira » (proposição 4.024). O sentido de uma proposição é, então, uma determinada forma de organização das coisas que ela exhibe, sendo esta forma uma ocorrência real no mundo quando esta proposição for verdadeira. É vital para o *Tractatus* esta conexão entre os conceitos de sentido e verdade, sendo o sentido de uma proposição nada menos que as suas condições de verdade, isto é, as condições as quais ao serem satisfeitas tornam esta proposição verdadeira.

Sendo assim, o exame das condições de significatividade das proposições traduzir-se-á num exame das suas condições de verdade, já que, segundo Wittgenstein, « a proposição é expressão de suas condições de verdade (proposição 4.431). Estas condições de verdade podem, contudo, conter em si o remetimento à afirmação da verdade de outras proposições, sendo necessário, então, para a fixação delas, que se compreendam as condições destas últimas. Há claramente aqui a possibilidade de um regresso ao infinito, o qual teria como consequência a indeterminação absoluta da linguagem, o que inviabilizaria as pretensões do *Tractatus* de traçar de forma rígida os limites desta. A

solução wittgensteiniana da questão é bem conhecida : Wittgenstein compreende que, se é possível uma linguagem, então é necessário que haja proposições as quais não possuam outras proposições como suas condições de verdade (ou, em outros termos, que haja proposições que possam ser compreendidas independentemente de outras proposições), mas sim que estas condições sejam pura e simplesmente o modo possível de organização do mundo que elas apresentam. A possibilidade de a linguagem ser significativa implica, para Wittgenstein, a necessidade de que haja proposições elementares. Assim, « é por motivos puramente lógicos que sabemos que deve haver proposições elementares » (proposição 5.562), sendo que « a aplicação da lógica decide que proposições elementares existem » (proposição 5.557). Desta maneira, tendo em vista que « as possibilidades de verdade das proposições elementares são condições de verdade e falsidade das proposições » (proposição 4.41), a investigação pode se deslocar toda para o plano destas proposições elementares.

A proposição elementar é compreendida por Wittgenstein como sendo a proposição que não é composta por outras proposições e cujos signos não podem ser definidos por cumprirem univocamente a função referencial. Por causa disto, para a compreensão dela (isto é, a compreensão das suas condições-de-verdade) não se faz necessário o recurso a outras proposições. O seu sentido é plenamente determinado a partir dela mesma. Este sentido é a situação que ela apresenta, a qual sendo atual torna-a verdadeira e, não o sendo, falsa, pois « é um dos fatos mais importantes que a verdade ou não verdade das proposições não-lógicas não seja conhecida unicamente na proposição » (proposição 6.113). Assim, a proposição elementar mostra-se como sendo uma *representação* cuja única função é exhibir um modo de organização das coisas, a qual pode ser ou não atual. Para que a linguagem seja significativa, isto é, para que ela tenha esse « poder » de descrição do mundo, será necessário, então, que o mundo seja organizado de uma forma similar à da linguagem, de maneira que esta, através das suas características estruturais, possa representá-lo. Assim, se a proposição elementar constitui-se numa conexão de signos simples, os quais são apenas significantes (isto é, referenciais) enquanto partes componentes de uma proposição, deve ela descrever uma conexão de elementos simples, os quais apenas possam existir em conexões com outros elementos. Ou, nos dizeres de Wittgenstein : « só a proposição possui sentido; só em conexão com a proposição um nome tem referência » (proposição 3.3). « Assim como não podemos pensar objetos espaciais fora do espaço, os temporais fora do tempo, assim não podemos pensar *nenhum* objeto fora de sua possibilidade de ligação com outros » (proposição 2.0121). Da mesma forma, sendo a proposição elementar não composta de outras proposições, deverá também a conexão por ela descrita não ser composta por outras conexões.

A proposição elementar é, assim, uma conexão de signos simples, a qual

descreve ou representa uma conexão de objetos simples por possuir elementos (estes signos) que substituem nela os objetos conectados, sendo que estes elementos conectam-se nela da mesma forma pela qual os objetos da realidade descrita ou representada estão ligados entre si. Quer dizer, a expressão lingüística pode descrever ou representar a estrutura não-lingüística porque ambas possuem a mesma forma de afiguração (*Form der Abbildung*), isto é, seus elementos componentes encontram-se ligados de maneira similar, e porque os elementos da primeira denotam os elementos da segunda. O sentido da proposição elementar é, portanto, a conexão de objetos por ela descrita.

III

Em 4.024 Wittgenstein nos diz que a compreensão de uma proposição se dá independentemente de sabermos qual seja realmente o seu *valor de verdade* (« é possível, pois, compreendê-la sem saber se é verdadeira ou falsa »); sabemos apenas quais são as suas *condições de verdade*. Ora, se a proposição, para ter um sentido, deve descrever uma conexão de objetos, que conexão será esta se não for uma conexão real ou atual (o que só acontece quando a proposição é verdadeira), isto é, se a proposição for falsa ou se simplesmente não quisermos ou pudermos determinar o seu valor-de-verdade? Será uma conexão *possível*, uma *possível* forma de os objetos estarem relacionados. A esta noção de uma conexão somente possível podemos opor a noção de uma conexão *atual*, isto é, de uma conexão que não é apenas uma possibilidade de ligação dos objetos, mas sim que é a ligação constatada subsistente. Assim, a compreensão do sentido de uma proposição envolveria a descrição de uma forma possível de conexão dos objetos, sem que se saiba se esta conexão é real ou não. A proposição elementar falsa seria aquela que descrevesse uma *possível* mas não atual ou subsistente conexão de objetos, e a proposição elementar verdadeira seria aquela que descrevesse uma conexão não apenas possível, mas atual.

Desta maneira, o conceito de *subsistência* mostra-se como essencial no *Tractatus* para que possamos estabelecer a distinção, vital para a obra, entre a compreensão de uma proposição e a sua verdade efetiva, possibilitando a existência de proposições falsas, as quais seriam absolutamente inexplicáveis caso a distinção acima feita não pudesse ser efetuada. Assim, *compreender uma proposição é saber que a conexão de objetos apresentada é possível; afirmar a verdade da proposição significa asseverar que a conexão apresentada subsiste*.

Devemos, então, necessariamente a partir do conceito de subsistência efetuar uma distinção entre as conexões de objetos descritas pelas proposições elementares. As conexões serão consideradas meramente possíveis ou, além de possíveis, atuais. As proposições com sentido descrevem ligações ou conexões possíveis de objetos, e as proposições que além de terem sentido são verdadeiras, descrevem conexões não só possíveis, mas subsistentes. Seguindo

as proposições 2 e 2.01 — « *Der Sachverhalt ist eine Verbindung von Gegenständen (Sachen, Dingen)* ». « *Was der Fall ist, die Tatsache, ist das Bestehen von Sachverhalten* » — chamo as conexões meramente possíveis de *Sachverhalten* e as conexões subsistentes de *Tatsachen*. Desta forma, parece-me que a distinção entre tais conceitos dá-se não em função de se referirem a conexões de objetos mais ou menos complexas, mas sim a conexões subsistentes ou não.

O que está em jogo, então, na discussão da distinção *Tatsache-Sachverhalt* é, a meu ver, a possibilidade de distinção entre o sentido de uma proposição e a sua verdade. Esta distinção desempenha o papel de possibilitar que a compreensão da proposição se dê independentemente do conhecimento da sua verdade ou falsidade. Quer dizer, ao aceitarmos que todas as proposições elementares consistem em descrições ou representações de conexões de objetos, devemos necessariamente estabelecer no seio destas conexões uma distinção que nos permita separar as condições de verdade de uma proposição de seu valor de verdade. Tal separação não pode obviamente se dar em função de qualidades ou características intrínsecas à proposição, mas sim em função de uma distinção entre as conexões descritas. A subsistência ou não das conexões afiguradas é que servirá para estabelecer a verdade ou falsidade destas proposições, sendo a afirmação da subsistência da conexão representada o passo que nos faz passar das condições de verdade de uma proposição, isto é, o seu sentido, para a constatação de sua verdade ou falsidade. Apenas a partir do uso projetivo do conteúdo proposicional é que a questão do valor de verdade se põe (ver proposição 3.12), isto é, apenas quando não tratamos mais a conexão apresentada como possível, mas sim afirmamos que o mundo está conforme a conexão afigurada, é que pode se colocar o problema da verdade ou falsidade da proposição. Assim, sendo a questão do sentido distinta da questão da verdade necessitamos da aplicação do conceito de subsistência para diferenciarmos as descrições com sentido daquelas que, além de significativas são verdadeiras, sendo possível também, a partir disto, que compreendamos a natureza das proposições falsas.

Ao compreendermos a distinção *Tatsache-Sachverhalt* em termos de complexidade torna-se impossível a afirmação da distinção entre sentido e verdade, a qual já vimos ser fundamental no *Tractatus*. Senão vejamos. Na supra-citada carta a Russel, Wittgenstein diz que « *Sachverhalt* é o que corresponde a uma proposição elementar se esta é verdadeira ». Ora, a que corresponderá, então, uma proposição elementar falsa, ou ainda, uma proposição cujo valor-de-verdade nos seja desconhecido ou indiferente? Por definição não pode ser a um *Tatsache*, pois elas são elementares, enquanto ele « é o que corresponde ao produto lógico de proposições elementares quando este produto é verdadeiro ». Se seguirmos Wittgenstein nestas definições seremos forçados a afirmar que apenas proposições verdadeiras possuem sentido, ou, mais propriamente, que não há distinção entre sentido e verdade, pois apenas proposições elementares verdadeiras descrevem algo. Desta forma, parece-me que esta

compreensão colide frontalmente com algumas das teses centrais do *Tractatus*, sendo impossível afirmarmos ao mesmo tempo estas definições e estas teses sem que caiamos em flagrante contradição.

Uma saída que parece possível é apelar para as noções de *negative Tatsache* e *positive Tatsache* que aparecem na proposição 2.06. Seguiremos aqui a tradução do professor Giannotti, com a qual concordamos, que traduz *Sachverhalt* por « estados de coisas » e *Tatsache* por « fato », ressaltando que não o fizemos anteriormente por entendermos que anteciparíamos-nos desta forma à própria discussão que estávamos travando. « A subsistência (*das Bestehen*) e a não subsistência de estados de coisas é a realidade. (Chamamos de fato positivo à subsistência de estados de coisas e de negativo a não subsistência deles) ». Temos, assim, nesta proposição a consideração de que um fato positivo consiste na subsistência de estados de coisas e um negativo na sua não subsistência. Desta maneira, está claramente aqui colocada a subsistência ou atualidade como critério para a distinção entre os fatos. Aparentemente esta distinção supre a lacuna acima apontada e torna possível, aos que partilham desta concepção, novamente diferenciar sentido e verdade, mantendo a compreensão tradicional da distinção *Tatsache-Sachverhalt*. Entretanto, esta proposição é, no mínimo, confusa, pois, se compreendermos o *Tatsache* como sendo um complexo de *Sachverhalten*, como será possível que possamos nomear o subsistir ou o não subsistir destes últimos a partir de uma mera adjetivação do primeiro ? Não me parece correto adjetivarmos estruturas complexas para falarmos acerca da subsistência de estruturas simples. Na verdade, o que parece ocorrer é uma utilização dupla do termo *Tatsache*, ora expressando a subsistência ou não-subsistência de estados de coisas, ora expressando um complexo composto destes estados de coisas.

Parece haver, desta forma, por parte dos partidários desta tese um reconhecimento, ainda que não tematizado, de que é necessário que se façam dois tipos de divisão em relação às conexões de objetos descritas pelas proposições : uma dizendo respeito à *complexidade* e outra à *subsistência*. As confusões originariam-se do uso de apenas duas categorias (*Tatsache* e *Sachverhalt*) para desempenhar as funções para as quais seriam necessárias quatro; isto inclusive explicaria a adjetivação wittgensteiniana, destinada justamente a suprir esta falta. Assim, teríamos complexos subsistentes, complexos não-subsistentes, simples subsistentes e simples não-subsistentes. Uma razão que poderia ser invocada para fundamentar esta tese, seria a de que há na ligação também um « cruzamento » de dois critérios distintos na caracterização das proposições : a *complexidade* e o *valor de verdade*. Desta forma, as proposições seriam complexas verdadeiras, complexas falsas, elementares verdadeiras e elementares falsas, garantindo o isomorfismo estrutural entre linguagem e mundo, a existência de uma estrutura homóloga neste último.

Entretanto, creio que este argumento seja falacioso e que a idéia de complexidade das conexões de objetos seja possível mas *não necessária* no

Tractatus; sendo, portanto, a meu ver, muito mais interessante que reservemos a contraposição *Tatsache-Sachverhalt* para a expressão da distinção entre conexões subsistentes e não-subsistentes, esta sim, como nós o demonstramos mais acima, absolutamente imprescindível à obra.

A idéia que funciona como fundamento desta posição é a de que, havendo uma relação descritiva entre as proposições elementares e os estados de coisas, deveria haver também esta relação entre as proposições complexas e os conjuntos de conexões de objetos. Isto é, as proposições complexas seriam descrições destes estados de coisas complexos. Assim, a existência das primeiras implicaria na existência necessária dos segundos. Todavia, parece-me que as coisas não funcionam exatamente assim. Uma proposição complexa somente pode ser compreendida a partir das proposições que a compõem, de tal maneira que ela *não* consiste propriamente numa descrição ou representação de um estado de coisas complexo. As suas condições de verdade (i. e., o seu sentido) são função das proposições a partir das quais ela se constitui, sendo ela significativa não a partir de uma relação direta que ela estabeleça com o real, mas sim a partir das suas relações internas com estas proposições. Desta forma, da existência de proposições complexas não se segue necessariamente a existência de estados de coisas complexos, o que parece apontar, se não para a impossibilidade do conceito, pelo menos para o seu caráter supérfluo. Quer dizer, parece-me que este conceito (estados de coisas complexos) não é necessário para que o **Tractatus** constitua uma resposta para a questão do sentido e a questão da verdade, as quais são, no final das contas, as questões centrais da obra. Sendo assim, creio ser obscurecedora a tentativa de estabelecer as distinções de complexidade e subsistência dos estados de coisas como se fossem distinções de mesmo nível e necessidade, pois isto pode fazer com que se perca a compreensão do papel essencial que a noção de subsistência desempenha no texto.

Bibliografia

- Wittgenstein, L., *Logisch-philosophische Abhandlung*, Frankfurt, Suhrkamp, 1974.
Tractatus Logico-philosophicus, London, Routledge & Keagan Paul, 1974.
Stenius, E., *Wittgenstein Tractatus — A Critical Exposition of its main Lines of Thought*, Cornell University Press, 1964.